

Corrida ao ouro gera tensão em Roraima

Fotos de Gustavo Miranda

JOÃO ALBERTO FERREIRA

BOA VISTA (RR) — A reserva florestal que abriga dez mil índios ianomamis, na fronteira do Brasil com a Venezuela, esconde uma das maiores jazidas de ouro do País e uma bomba prestes a explodir. De um lado, o Governo federal quer controlar a saída do ouro e impedir o garimpo. De outro, grandes levas de migrantes que sonham com a riqueza ameaçam usar suas armas para ficar na região. "Só uma operação de guerra, como no Vietnã, nos tira daqui", afirma Paulo Closs, um bem-sucedido empresário do garimpo.

— Estamos muito bem armados e dispostos a seqüestrar qualquer autoridade que descer por aqui, caso o garimpo seja fechado — alerta Closs.

Em setembro, em mais uma tentativa de isolar a área, as forças do Governo se surpreenderam com a infra-estrutura dos garimpeiros. Foram encontradas rações de excelente qualidade, com carne liofilizada, semelhantes às usadas pelos exércitos do Irã e do Iraque.

Não há qualquer controle sobre a área do garimpo, onde os migrantes chegam diariamente em grandes grupos. A corrida do ouro pode ser medida pelo aumento no número de aviões estacionados no Aeroporto de Boa Vista: a média por dia pulou de 18, em dezembro, para 130, no fim de janeiro. As decolagens, que eram de cinco por dia, passaram para 50.

A região possui pelo menos 140 pistas clandestinas, segundo o Superintendente da Polícia Federal em Roraima, Daniel Norberto. Elas são



A maioria dos migrantes faz o garimpo manual. Em sua rotina, malária, solidão e violência. Poucos enriquecem

construídas por empresários que ganham 15 gramas de ouro a cada pouso. O tráfego aéreo é intenso — principalmente para o lançamento de alimentos nas clareiras abertas na floresta. Só na pista Nova, são feitos mais de 50 pousos por dia.

Boa parte dos garimpeiros chega

ao local a pé, pela mata, ao fim de viagens que duram até 20 dias — não raro com malária. Sob a copa das árvores dos 300 quilômetros que separam Boa Vista do garimpo, há numerosas picadas. Elas atravessam montanhas de até 1.200 metros de altitude na Serra do Surucuru.

— Estas viagens, feitas em grupos de até 20 garimpeiros, são promovidas pelo Presidente da União dos Sindicatos e Associações dos Garimpeiros da Amazônia Legal, José Altino. Seu objetivo é tornar o garimpo um fato consumado — denuncia o Superintendente da Polícia Fe-

deral em Roraima.

José Altino, que já amargou 23 dias de cadeia por incentivar os garimpeiros a buscar ouro nas terras indígenas, afirma que está "revelando riquezas minerais que as empresas mineradoras nunca sonharam em descobrir".

Em seu gabinete em Brasília, um oficial do Conselho de Segurança Nacional (CSN) informa que o Governo deflagrou um plano para frear o fluxo de garimpeiros. O objetivo é controlar o garimpo até que seja demarcada a reserva dos ianomamis — o que deverá ocorrer quando estiver pronto o censo indígena financiado pelo Projeto Calha Norte.

O plano está dividido em duas fases. Na primeira, o Governo de Roraima tem a missão "de usar meios dissuasórios" para deter o fluxo. Na segunda, as forças federais entram em cena. Definidos os limites da reserva, o Governo federal iniciará uma operação de retirada definitiva dos garimpeiros. Em seguida, a Funai montará postos de vigilância, junto com policiais.

Mas será difícil o apoio do Governo do Território na guerra contra os garimpeiros, espalhados num raio de pelo menos 50 quilômetros em torno da pista do Pá-piú, da Funai. Roraima vê com bons olhos o garimpo, pois precisa de investimentos. Segundo dados do IBGE, apenas 0,57 por cento da população de 115 mil habitantes tem renda superior a 20 salários mínimos e 87,7 por cento ganham menos de três salários.

— O garimpo joga dinheiro num Território que esteve perto da falência, ano passado — defende o Secretário de Segurança Pública, Coronel Mena Barreto, que classificou a

operação de retirada dos garimpeiros como "uma imbecilidade", numa recente reunião com representantes de órgãos federais.

Mena Barreto dispara críticas contra as missões religiosas americanas e europeias entrenchadas na selva, visando à proteção dos índios. Ele as acusa de terem interesse pelo potencial mineral de Roraima.

Em julho passado, depois de um conflito entre índios e garimpeiros, o Governo retirou da área dos ianomamis tanto os missionários quanto os homens do garimpo. Mas, assim que eram deixados em Boa Vista, através de helicópteros da Aeronáutica, os garimpeiros retornavam. A retomada da área foi fácil, pois não havia mais missionários.

Sem esperanças de que o Governo do Território cumpra sua parte no plano, o Governo federal já desenhou a sua. O Serviço Regional de Aviação Civil, baseado em Manaus, determinou que o Diretor do Departamento de Aviação Civil (DAC) de Roraima, Sargento Aldenor Albino Lima, fiscalizasse todas as 130 aeronaves que estavam baseadas em Boa Vista no início deste mês. Com isso, apenas 93 continuam no Território.

— Já fui ameaçado de morte, espancamento e quase incendiaram minha moto — conta o Sargento.

A Aeronáutica iniciou também um controle mais rígido do abastecimento de combustível dos aviões, impedindo que os pilotos levem alguns galões a mais para as pistas clandestinas. Os pilotos já planejam trazer combustível diretamente de Manaus e guardá-lo nas pistas.

— Será uma dura guerra acabar com esse garimpo — prevê o Superintendente da Polícia Federal.

Produção no garimpo supera expectativas

O crescimento do garimpo em Roraima está diretamente ligado à sonegação de impostos. Cada grama do ouro é negociado por CZ\$ 1.340. Em cada quilo comprado, cerca de CZ\$ 33.750 são destinados à Secretaria da Receita Federal — mas a quantidade real jamais é registrada. O ouro é repassado para o Rio, São Paulo e Venezuela por preços que variam de CZ\$ 1,5 mil (o grama de ouro em pó) a CZ\$ 2,2 mil (a pepita). De lá, ele toma destino incerto — assim como o valor pelo qual é revendido.

A maioria dos compradores está instalada na Rua do Ouro, cujo movimento destoa da pacata Boa Vista. Lá, eles se reúnem em restaurantes indianos e bares que tocam reggae para inglesas vindas da Guiana. Em uma unanimidade que parece orquestrada, todos garantem comprar apenas dez quilos de ouro por mês.

— Essa quantidade é o que eles adquirem apenas em um dia — afirma o gaúcho Paulo Closs, que se orgulha de ter as notas de venda de todo o ouro coletado por seus empregados.

Closs afirma que mensalmente sai do garimpo pelo menos uma tonelada de ouro. Ele já foi ameaçado de morte por quebrar a regra fundamental do negócio: o silêncio sobre as transações e o

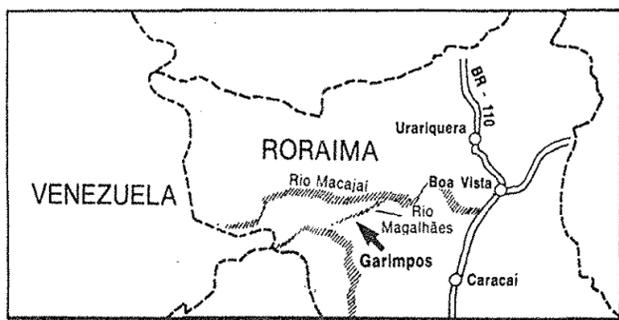
destino do ouro.

— O garimpeiro vende um quilo e o comprador declara cem gramas — afirma João José Coelho de Araújo, o Buri, que tem cinco empregados e duas máquinas trabalhando no garimpo.

Na Rua do Ouro, atrás de uma pilha de dólares da Guiana inglesa que vale quase CZ\$ 70 mil, Amadeu Humzê Hamid, o Turquinho, é mais um a repetir que suas compras não ultrapassam os dez quilos ao mês. A poucos metros de sua loja, um outro comprador que se identifica apenas por Pedro José também diz comprar a mesma quantidade. Turquinho já conseguiu pôr na cadeia dois repórteres estrangeiros (das revistas alemã "Der Spiegel" e da americana "Newsweek") que escreveram sobre suas transações e as quantidades adquiridas.

O garimpeiro Buri reclama da falta de ajuda do Governo. Para ele, as próprias autoridades são responsáveis pela sonegação dos impostos. Sem ajuda oficial, perdidos no meio da floresta em busca das pepitas, os garimpeiros não se interessam em exigir comprovantes das vendas. E boa parte da riqueza extraída de Roraima se perde lá mesmo em Boa Vista, no arremedo cosmopolita da Rua do Ouro.

NA FRONTEIRA COM A VENEZUELA, O NOVO EL Dorado



Em Boa Vista, recorde de aviões. Eles levam suprimentos para a selva

Negócio rentável para atravessadores

Um pequeno Cessna 210, decola do aeroporto da capital com 400 quilos de carne, feijão e farinha, comprados na cidade a preços de mercado. Uma hora depois, a carga passará a valer quase 200 gramas de ouro (ou CZ\$ 270 mil), ao ser lançada sobre uma das mais de 50 clareiras abertas na selva para abastecer o garimpo.

— Apenas alguns poucos garimpeiros realmente enriquecem. Quem realmente ganha são os atravessadores — afirma o empresário Flávio Castellar, carioca há dez anos em Roraima.

Os atravessadores apontados por Castellar são empresas de aviação, comerciantes quase falidos que passaram a ver entrar em Boa Vista CZ\$ 10 milhões por semana, pilotos com salários milionários, empresários que constroem pistas clandestinas na selva e os donos das mais de 30 cantinas espalhadas pela selva.

César Quinó, dono da Quinta Quinó Taxi Aéreo, atravessou a mata a bordo de um Cessna 210 avariado, no ano passado, e investiu tudo o que tinha no transporte de garimpeiros e de alimentos. Este ano, já está com uma frota de cinco aeronaves. Um de seus pilotos, conhecido por Eruquinha, troca o risco de descer em pistas de apenas 180 metros por um salário de CZ\$ 900 mil.

Nas mãos dos garimpeiros, as fortunas adquiridas duram pouco, num mundo onde tudo é caro e a moeda corrente não é o Cruzado, mas a grama do ouro. Alcides Gomes, por exemplo, diz que das 300 gramas de ouro (ou CZ\$ 402 mil) que coletara

em 45 dias de trabalho, entregou 200 (ou CZ\$ 268 mil) aos comerciantes. Aos 63 anos, ele passou 40 percorrendo garimpos entre Mato Grosso e Roraima.

Antônio Carlos Ferreira da Silva, de 20 anos, gastou 40 gramas de ouro (CZ\$ 53,6 mil) para curar seu irmão, Valdoir, de uma facada numa briga. Por cada um dos 35 pontos que o rapaz levou no pescoço, pagou CZ\$ 1.480.

As cantinas pagam caro pelos produtos, mas têm altos lucros. Os remédios, por exemplo, são revendidos por preços que variam entre 0,5 e 8 gramas. Um simples quilo de lingüiça vale 1,5 grama (ou CZ\$ 2 mil), enquanto o quilo do sal ou um maço de cigarros vai a um grama. O quilo do café ou da farinha fica por 0,7 grama.

Wilma Quadros, dona de uma cantina, trocou 22 anos de enfermagem no Rio de Janeiro pela floresta de Roraima. Mesmo com o calor de mais de 40 graus, a umidade, mosquitos e muito desconforto, garante que saiu ganhando. Seu negócio rende pelo menos 50 gramas por dia.

Os ganhos fizeram com que empresários bem-sucedidos de Boa Vista se embrenhassem na mata. Um deles, que se identifica apenas por Rangel, empregou 200 homens, investiu mais de CZ\$ 3 milhões e construiu uma pista clandestina que hoje lhe rende uma fortuna — cujo valor ele não revela. Mas um de seus frequentes, que paga 15 gramas de ouro por cada pouso, calcula que Rangel ganhe, por dia, CZ\$ 1 milhão.

No dia-a-dia, 'lei da selva' não perdoa

Quem são os garimpeiros que enriquecem? Na clareira batizada como "rodoviária falada", cortada por picadas que levam a todos os garimpos espalhados pela selva, a resposta vem fácil: os empresários que investem em máquinas. As informações adquiridas na "rodoviária" são fundamentais para quase 90 por cento dos garimpeiros, que usam como principal instrumento de trabalho a batéia (a tigela com que é feito o garimpo manual).

Os garimpeiros correm para a "rodoviária" assim que se esgota sua capacidade de retirar o ouro. Com o processo manual, apenas 30 por cento do ouro consegue ser retirado. Os demais 70 por cento são coletados pelas máquinas.

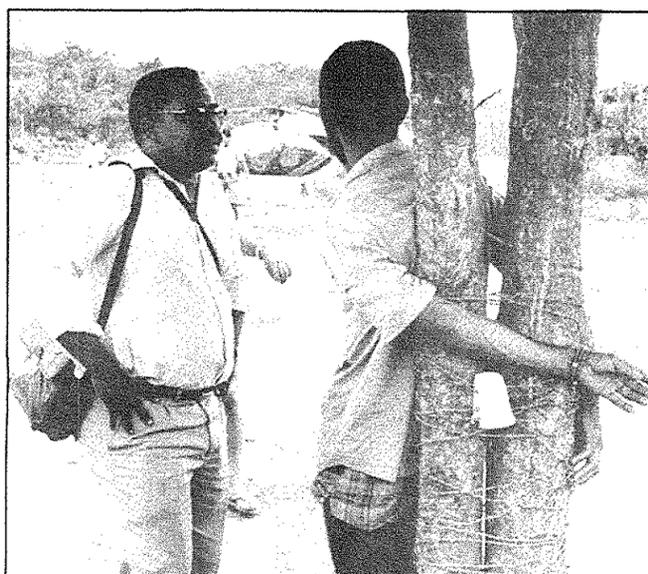
Há poucas semanas, todos se mobilizaram à procura de José Rodrigues, que rompera uma das regras mais caras do garimpo, roubando 360 gramas de ouro. Ele acabou sendo preso pela Polícia Militar em Pá-piú, antes de ser pego pelos companheiros. So-

freu a pena comumente aplicada pelo Cabo Raimundo Penna, que comanda um dos postos da PM no garimpo: ele foi algemado a uma árvore cercada por arame farpado. A cada golpe do cabo, sob o olhar impassível do Superintendente da Polícia Federal em Roraima, Daniel Norberto, José era ferido pelo arame.

Os garimpeiros consideraram muito leve a pena sofrida por José. Eles dizem que "ladrão de ouro tem que morrer com a boca cheia de formiga". É a lei da selva.

Há ainda um cassino, ao lado de um posto da Polícia Militar, onde os garimpeiros deixam ouro em disputas de pif-paf e bingo, montado por um próspero empresário que abandonou todos os seus negócios na capital.

Os índios ianomamis querem o garimpo longe de suas terras. Estimase que pelo menos 50 ianomamis já morreram, devido à malária e gripe levadas pelo garimpo.



O policial Norberto (à esquerda) não impede o castigo do ladrão. É a lei da selva



Wilma é dona de uma das cantinas, onde um quilo de sal custa CZ\$ 1,3 mil